Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense Class.: Kaiapó Geral 187

Data: 28/08/91 Pg.:

UnB mostra contaminação por mercúrio

Isabel de Paula

Os resultados preliminares do projeto piloto "Mercúrio na Amazônia", patrocinado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pelo Ministério da Saúde, revelam um alto índice de contaminação da população ribeirinha do rio Madeira pelo metal. A pesquisa realizada no laboratório de Química da Universidade de Brasília (UnB), demonstra que todos os casos analisados estão acima do limite máximo de mercúrio no corpo humano estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

A primeira etapa da pesquisa envolveu a coleta de 50 amostras de cabelos dos habitantes de Cuniã (RO), às margens do rio Madeira. Até agora dez casos foram analisados e todos registram índice superior a dez PPM (Parte Por Milhão) de mercúrio, teto admitido pela OMS. A contaminação tem como principal causa os garimpos em atividade na área, que poluem o rio e contaminam os peixes, alimento básico dos ribeirinhos. Amostras dos peixes também serão avaliadas.

O projeto piloto abrangerá uma população estimada em sete mil e 500 moradores ao longo de 180 quilômetros do rio Madeira, a partir de Porto Velho. Um total de 750 amostras de cabelos e peixes serão recolhidas por especialistas da Universidade Federal de Rondônia, UnB e Ministério da Saúde, a fim de checar a situação real de contaminação pelo mercúrio orgânico — o mais tóxico — na região. O objetivo da Divisão de Ecologia Humana e Saúde Ambiental (DIEHSA) do Ministério da Saúde é, a partir destes dados, traçar uma ação de combate ao que já se considera um problema de saúde pública.

Segundo o professor Antonio Carneiro Barbosa, especialista em Química Analítica da UnB, dentro de um ano o projeto será concluído. No garimpo Belmonte, situado a 13 quilômetros de Porto Velho, onde concentra-se a atividade garimpeira do rio Madeira com mil homens em ação, o trabalho será mais profundo. Entre garimpeiros e queimadores de mercúrio serão analisadas cem amostras de sangue e mucosa bucal, necessários à verificação dos efeitos genotóxicos do metal.

Índios são os mais afetados

Os índios do Xingu, no Mato Grosso, estão mais contaminados por mercúrio orgânico — tipo mais perigoso — do que os próprios garimpeiros que trabalham diretamente com o metal. A conclusão é de uma pesquisa feita pelo Departamento de Química da UnB com amostras de cabelos de índios gorotire e kimkretun, de garimpeiros e de queimadores de mercúrio. Conforme o professor de Química Analítica da UnB, Antonio Barbosa, do total de mercúrio registrado, a contaminação pelo orgânico entre os índios está em 90 por cento enquanto nos garimpeiros não chega a um terço.

A coleta de 41 amostras de cabelos dos índios e garimpeiros foi feita por um grupo de três professores da UnB em julho último. Dos índios analisados, quatro estão com índice de contaminação muito acima de dez PPM e, o que é pior, a quase totalidade do mercúrio detectado é do tipo mais tóxico. Para o professor, o fato é explicado pelo consumo maior entre os índios dos peixes contaminados pelo mercúrio no rio. Segundo ele a análise do cabelo, que cresce um centímetro ao mês, é interessante por possibilitar a avaliação da "história de contaminação".

O projeto, custeado pela Fundação Mata Virgem, prevê ainda a análise da mucosa bucal, de sangue e urina, numa etapa posterior, para se constatar a mutação genética.

Outra pesquisa sobre mercúrio sendo realizada pela UnB em Porto Nacional através de um convênio com a Universidade de Rochester (EUA). O Laboratório de Química da UnB é o único brasileiro credenciado para a pesquisa de mercúrio orgânico e tem tradição na análise de metais.